

Cabo Verde e Guiné-Bissau ainda não trocaram embaixadores

José Pedro Castanheira

Após quase 18 meses de costas voltadas, a Guiné-Bissau e Cabo Verde reencontraram-se, no dia 20 de Setembro, no aeroporto da Praia, nas pessoas de Nino Vieira e Aristides Pereira. Foi um caminho longo e algo penoso, que a iniciativa e a habilidade de Samora Machel conseguiu aplanar, em larga medida. Mas a ausência de troca de embaixadores — mesmo depois do encontro de Aristides Pereira e Nino Vieira, logo após a cimeira dos chefes de Estado — não deixa de constituir um indício de que ainda há algumas arestas a limar.

«Tudo» começou a 14 de Novembro de 1980, com o golpe de Estado do comandante Nino Vieira, que depôs o cabo-verdiano de origem Luís Cabral, irmão do fundador e líder histórico do PAIGC, Amílcar Cabral. Como consequência, as relações entre os dois países deterioraram-se. A situação viria a agravar-se ainda mais, em termos políticos, com o congresso constitutivo do Partido Africano para a Independência de Cabo Verde, (PAICV) em Janeiro de 1981. A resposta veio em Novembro do mesmo ano, no congresso extraordinário

do PAIGC da Guiné-Bissau, que decidiu manter aquela sigla.

O divórcio entre os dois Estados manteve-se durante largos meses. O que explica que a Guiné-Bissau nem sequer tenha sido convidada para assistir à reunião do Comité Inter Estatal de Luta contra a Seca do Sahel, que teve lugar em Cabo Verde, em Janeiro último.

Neste encontro, e para além do país anfitrião, estiveram presentes delegações, quase sempre ao mais alto nível, da Mauritânia, Gâmbia, Senegal,

Mali, Niger, Chade e Alto-Volta.

A ausência da Guiné-Bissau, em iniciativas de âmbito internacional que tiveram o arquitépico vizinho como cenário, voltou a sentir-se no passado mês de Junho. Foi por ocasião da chamada mesa-redonda dos parceiros de desenvolvimento de Cabo Verde, que juntou 60 delegações, de países e organizações governamentais e não governamentais e que aqui desenvolvem actividades de cooperação.

O abraço de Maputo

Dias antes desta mesa-redonda, porém, o presidente de Moçambique promoveu um encontro entre os responsáveis máximos de Cabo Verde e da Guiné-Bissau. E foi sob a égide de Samora Machel que Aristides Pereira e Nino Vieira deram o «abraço de Maputo», numa data que certamente ficará na história das relações entre os

dois países — 16, 17 e 18 de Junho de 1982. Foi o início de desbloqueamento, no plano político, de uma situação tensa de quase dois anos.

Na sequência da cimeira do Maputo, viria a reunir-se na primeira quinzena de Agosto, em Bissau, uma comissão mista, chefiada, pelo lado da Guiné, pelo ministro da Economia, Vítor Freire Monteiro, e pelo lado de Cabo Verde, pelo titular da pasta da Justiça, David

diu que os cinco países africanos de expressão portuguesa avançassem, finalmente, para a concretização da sua III Conferência. Foi, pois, no país de Moammar Khadafi, que ficou aprazada a cimeira da Praia, e que se segue à de Luanda, em 1979, e à do Maputo, em 1980. Como se sabe, a III Conferência, prevista para 1981, em Bissau, foi adiada precisamente devido ao litígio entre os dois países do hemisfério Norte.



Aristides Pereira
Relações melhoram...



Nino Vieira
... mas lentamente

Almada. Objectivo: procurar pôr um ponto final no contencioso existente no domínio financeiro. A vontade política manifestada pelos chefes de Estado no Maputo criou as condições para que os ministros se «entendessem» no plano financeiro. De tal forma, que os principais problemas — relacionados com a empresa mista de navegação, Nágucave, com uma importação de trigo de Cabo Verde e proveniente da Guiné, e com uma titularidade de uma conta bancária do PAIGC dos «bons velhos tempos» —, foram facilmente superados.

A reunião de Trípoli

No plano político, as coisas voltaram a encontrar um forte e porventura decisivo empurrão na Líbia. Aproveitando a reunião anual da Organização da Unidade Africana — ao nível de chefes de Estado e de governo — avistaram-se, em Trípoli, José Eduardo dos Santos, Samora Machel, Nino Vieira, Pinto da Costa e Pedro Pires (primeiro-ministro de Cabo Verde, e que substituiu o presidente da República, Aristides Pereira).

A falta de quorum não permitiu que a sessão da OUA tivesse lugar, mas isso não impe-

Nino em Cabo Verde de farda de combate

Às 18 horas de 20 de Setembro de 1982, o presidente da República da Guiné-Bissau, João Bernardo Vieira (Nino), pisaria, pela primeira vez, solo cabo-verdiano, desde o golpe de Novembro de 1980.

Envergando a clássica farda de combate, verde-escura, e com um revólver à cintura, o comandante Nino desceu no aeroporto Francisco Mendes, tendo sido recebido, com todas as honras, pelo seu homólogo Aristides Pereira, que, à saída do avião, selou com um abraço o reencontro de uma amizade secular, feita de luta e sofrimento. Durante os trabalhos da Conferência, o presidente da República de Cabo Verde deu a sua esquerda ao chefe de Estado guineense.

Mas não se pense que os diversos encontros entre políticos dos dois países resolveram o diferendo por inteiro.

Em contacto com delegações dos dois países, «O Jornal» pôde aperceber-se que subsistem alguns aspectos algo melindrosos, cuja superação só o tempo e a evolução dos dois países poderá ir atenuando.

É verdade que as relações económicas e comerciais, suspensas durante alguns meses

após o golpe de Nino Vieira, já foram reatadas. Uma missão da Guiné-Bissau deverá deslocar-se a Cabo Verde nos primeiros dias de Outubro, com a finalidade de incrementar a cooperação naqueles dois domínios.

No entanto, o reatamento das relações ainda não viu a sua consagração oficial, ao nível da troca de embaixadores, e nem se prevê que tal venha a ocorrer até ao final do ano.

Dir-se-á que, após a independência, nunca houve troca de embaixadores. Só que a situação anterior, marcada pela existência de um único partido, a liderar dois Estados, e de um projecto de unidade, se alterou radicalmente e que a lógica da política, da história e da própria geografia aconselham a troca de embaixadores.

Evocação, em Janeiro, de Amílcar Cabral

Um ministro de Cabo Verde, ouvido por «O Jornal», justificou-se com a aguda crise financeira que o país atravessa. Um alto funcionário guineense alegou, por seu turno, com a falta de quadros, o que, em sua opinião, leva a que a Guiné-Bissau tenha apenas meia dúzia de embaixadores em todo o Mundo. Seja como for, esta ausência de representações diplomáticas não deixa de constituir um sintoma menos positivo nesta difícil caminhada para o restabelecimento de relações verdadeiramente cordiais, fraternais e solidárias entre os dois Estados e povos.

Ao que soubemos de fontes diplomáticas, Cabo Verde já teria traçado o perfil do seu embaixador em Bissau: um militar, com reconhecidas qualidades diplomáticas e políticas, e que tivesse uma folha de serviços exemplar durante a luta armada na mata guineense.

Todavia, parece que a luz, na sua inabafável transição para o verde, insiste na intermitência...

Esta conclusão é reforçada, de resto, pelo resultado do encontro de Aristides Pereira e Nino Vieira, e que se seguiu à conferência dos cinco chefes de Estado.

Durante a reunião, os dois presidentes debateram sobretudo aspectos do contencioso político que existe entre os dois países, nomeadamente a sigla PAIGC que a Guiné-Bissau decidiu manter. Para Cabo Verde (que adoptou para o seu partido a sigla PAICV), aquela designação não se justifica, devendo ser eliminado o «C».

Um momento importante para a avaliação do estado das relações entre os dois países, será a evocação, no próximo mês de Janeiro, na Praia, da figura de Amílcar Cabral, afinal a principal figura histórica dos dois países...